

## E morreram felizes para sempre: tradução comentada, a quatro línguas, de Manor

*Daniel Vieira Gonçalves<sup>1</sup>*

**Resumo:** *O presente trabalho consiste na tradução comentada de Manor, conto de enredo homoafetivo com um fundo fantástico de vampirismo escrito por Karl Heinrich Ulrichs, pioneiro do ativismo LGBT. A tradução se deu a quatro línguas, uma vez que foram utilizadas duas versões pré-existentes – uma em inglês e outra em espanhol – do conto como suporte para a transposição do conto do original em alemão para a versão em português brasileiro que aqui se apresenta. No entanto, em havendo divergências entre o original em alemão e as versões anglófona e hispanófono, optou-se por manter tanto a carga semântica quanto a construção frásica do original na medida do possível. O apanhado teórico trazido nos comentários diz respeito à militância em vida de Ulrichs pela causa LGBT, bem como ao uso costumeiro do vampirismo como uma metáfora para quaisquer condutas que não se encaixam no padrão de normalidade definido por uma dada sociedade. Por fim, é apontado que o caractere principal de Manor consiste no fato de apresentar uma história homoafetiva, e não homoerótica, como prova de que a homossexualidade não seria um desvio de caráter, mas sim uma característica congênita do indivíduo.*

**Palavras-chave:** *homossexualidade, vampirismo, militância LGBT, Karl Heinrich Ulrichs.*

**Abstract:** *The present work consists of the commented translation of Manor, a short story with a homoafective storyline, and a fantastic background of vampirism written by Karl Heinrich Ulrichs, pioneer of LGBT activism. The translation took place in four languages: German, English, Spanish, and Brazilian*

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito pela Universidade do Estado de Mato Grosso, possui interesse pela tradução desde que descobriu o gosto pelos idiomas. Possui fluência em inglês, espanhol e português brasileiro e flerta com francês e alemão nas horas vagas.

*Portuguese. It was used two pre-existing translations of the short story – one in English and one in Spanish – to support the translation of the short story from the original in German into the Brazilian Portuguese version presented here. However, in the face of divergences between the original in German and the English and Spanish-speaking versions, it was decided to keep both the semantic load and the phrasing construction of the original as far as possible. The theoretical background brought up in the comments concerns Ulrichs' active militancy for the LGBT cause and the customary use of vampirism as a metaphor for any conduct that does not fit the standard of normality defined by a certain society. Finally, it is pointed out that the main characteristic of Manor consists in the fact that it presents a homoaffective history, and not a homoerotic one, as proof that homosexuality would not be a deviation of character, but rather a congenital characteristic of the individual.*

**Keywords:** *homosexuality, vampirism, LGBT militancy, Karl Heinrich Ulrichs.*

## Apresentação

Pelo fato de também corporificar uma conduta sexual desviada da heteronormatividade imposta, a figura do vampiro normalmente se funde e se confunde com a do não heterossexual (SIERRA, 2014; BARROS, 2001). Em verdade, como aponta Elliot-Smith (2012), a figura do vampiro encontra paralelo com diversas minorias, ambas reiteradamente rotuladas como o Outro.

Conforme Sierra (2014, p. 186-187), falando especificamente do mais famoso dos vampiros,

Drácula fascina e aterroriza porque está justamente na fronteira: do humano e não humano, da vida e da morte, da juventude e da velhice, da heterossexualidade e da homossexualidade. Drácula está, portanto, sempre escorregando de uma posição a outra. Sempre fugindo. Sempre no limiar. [...] Ao mesmo tempo em que Drácula, como alimento, suga o sangue de uma presa feminina, ele também crava suas presas no pescoço de um homem para mostrar, eroticamente, os excitantes jogos de prazer nos quais ele se deixa envolver para seduzir e converter sua vítima a uma existência fora das linhas definidoras do correto, do aceitável, do normal, do humano. E a vítima parece abrir-se para esta existência excêntrica, parece querer este prazer estranho que, sensualmente, se insinua como convite a ela.

Inserto em um mundo não booleano, o vampiro é um paradoxo encarnado: um morto que está vivo, materialmente presente e virtualmente ausente (como demonstra o fato de não aparecer no espelho) e sem distinção entre papéis masculinos e femininos, posto que ambos os sexos “penetram suas vítimas, mas só após terem sido penetrados por outro vampiro” (BARROS, 2001, p. 118-119).

Para além disso, o vampiro, com a sua “sexualidade não confinada à genitalidade procriatória, consuma a perversão dos prazeres anômalos, contracenando com o homossexualismo [*sic*], e por vezes com este se identificando” (BORDONI, 2011, p. 19), motivo pelo qual a personagem vampírica serve como metáfora para o Outro, isto é, para tudo aquilo que é desconhecido, atípico, diferente.

A sexualidade ambígua do arquétipo do vampiro se deve a esse limbo no qual se encontra, sempre instável, sempre deslizando, sempre propenso à mudança, assim como a própria homossexualidade/bissexualidade, dificultando uma classificação fácil e rápida a ponto de ser preciso criar uma categoria – de monstro, de diferente, de anormal – para ser possível defini-los (SIERRA, 2014; BARROS, 2001).

Karl Heinrich Ulrichs, primeiro ativista LGBT da modernidade, como se verá a seguir, sabia dessa dificuldade de categorização e de como a inexistência de um termo semanticamente neutro afetava a discussão referente à não aceitação da homossexualidade – a ponto de o ato sexual homossexual constituir crime em sua época.

No afã do seu ativismo, experienciado em uma época em que o termo Sodomita trazia uma conotação negativa de pecado e o vocábulo Homossexual ainda não fora cunhado<sup>2</sup>, Ulrichs se viu forçado a criar alguma vocábulo que descrevesse aquilo que era e sentia, inclusive para conversar sobre, por cartas, com a sua família (SUTHERLAND, 2020).

Buscando inspiração n’O Banquete, de Platão, ele criou os termos **Urning**, **Urninden**, **Uranodioning** e **Dioning** para designar, respectivamente, homossexuais masculinos e femininas, bissexuais e heterossexuais, atitude que lhe rendeu o título de “fundador dos estudos homossexuais”<sup>3</sup> (HUMPHREY, 2008, p. 37, nossa tradução).

Ademais, por se ver, enquanto **Urning**, como um “homem com uma alma feminina”<sup>4</sup> (LOMBARDI-NASH, 2000, nossa tradução), um terceiro sexo, Ulrichs, abre – grosseiramente – a possibilidade de uma discussão sobre as pessoas trans (SUTHERLAND, 2020)

As atividades antidiscriminação perpetradas por Ulrichs aconteciam nos bastidores ou de modo anônimo até 1867, ano em que, conforme Beachy, Ulrichs

---

2 O termo homossexual só foi cunhado sete anos mais tarde, em 1869, por Karl Maria Kertbeny. (HUMPHREY, 2008).

3 [founder of homosexual studies]

4 [male with a feminine soul]

promoveu um discurso aberto em defesa da homossexualidade, inclusive a própria, que se pode considerar como o primeiro anúncio de orientação sexual publicamente conhecido da história moderna (SUTHERLAND, 2020).

Consoante Lombardi-Nash (2000), o discurso feito por Ulrichs em favor do Uranismo, seu termo para a homossexualidade, perante os 500 membros da Associação Alemã de Juristas, em Munique, foi corresponsável pela sequência de confiscos, banimentos e autoexílios impostos ao primeiro ativista gay assumido da história moderna para fugir da pena do famigerado § 175 do Código Penal Alemão – mesmo dispositivo normativo utilizado pelo partido nazista para enviar homossexuais aos campos de concentração e de extermínio (LOMBARDI-NASH, 2000).

De início, Ulrichs fugia de um Estado germânico para outro conforme a Unificação Alemã ia se consolidando até que, reunidos todos os povos alemães sob um mesmo *Reich* – e, concomitantemente, sob um mesmo sistema normativo –, o território germânico não era mais seguro para Ulrichs.

Como último destino, buscou asilo na cidade italiana de L'Aquila, onde passou os seus últimos doze anos de vida traduzindo textos do grego e do latim e escrevendo poesias e contos – dentre os quais se encontram *Manor*, que, apesar de não muito conhecido, consiste no primeiro uso direto do vampirismo como metáfora para a homossexualidade masculina (BOCIO; GARCÍA; PEÑALVER, 2010).

Escrito cerca de vinte anos após o início da batalha antidiscriminatória responsável por manter viva a lembrança de Ulrichs ainda hoje, o enredo traz a história de um garoto chamado Har, habitante das ilhas Faroé, no Atlântico Norte, que é salvo do afogamento por Manor, rapaz forte de 19 anos que dá nome ao conto.

Har, quatro anos mais novo do que o seu salvador, logo vê surgir um vínculo afetivo e recíproco com Manor, passando a maior parte do tempo junto com seu protetor na floresta, nas montanhas e no mar. Algum tempo depois, porém, o sonho se desfaz com a chegada de um baleeiro, no qual Manor parte para uma expedição de caça.

Todos os dias, Har escalava um penhasco para observar o horizonte à espera de seu amado. Até que, em uma manhã de inverno, quando o navio finalmente regressa, uma forte tempestade abalroa o veleiro, fazendo-o naufragar.

Na praia, a equipe de busca formada pelos ilhéus – dentre eles, o jovem Har – se posiciona para separar e identificar os cadáveres amontoados na areia.

Ao encontrarem o corpo de Manó, Har se lança aos prantos nos gélidos braços mortos para sentir o que se imagina ser o último abraço.

Horas após, inconsolável, o garoto rolava em sua cama até que, por volta da meia-noite, ouve o farfalhar de um galho do lilaseiro que havia perto de sua janela: o sinal que Manó usava quando queria chamá-lo para fugir com ele pela noite. Ao abrir a janela, Har vê o seu amado, morto, porém vivo, e o acolhe em sua cama, alimentando-o com seu fluido vital. Pelas noites que se seguiram, o corpo de Manó cruzou o estreito entre uma ilha e outra para se encontrar com Har e sugar seu sangue, pois não encontrava paz na sua tumba.

Conforme Har definhava, sua mãe, Lara, começou a se preocupar e foi procurar uma sábia anciã, que lhe disse o que acontecia: os mortos visitavam seu filho. A população buscou dentre os corpos enterrados e encontrou o cadáver incorrupto de Manó, que prenderam com uma estaca quadrifacetada da altura de um homem e da grossura de um braço.

Desolado e sem forças, carregaram Har para casa. Insone, ele rolava de um lado para outro na sua cama quando, para sua surpresa, ouviu o farfalhar do lilaseiro na sua janela. Incrédulo, ele abriu a janela e se deparou, em êxtase, com um Manó profundamente cansado com uma ferida quadrada em seu peito.

Sem Har dessa vez, a população do vilarejo se dirigiu para a tumba de Manó e o prendeu com outra estaca, dessa vez mais grossa na parte superior, para que ele não mais conseguisse se soltar – uma vez que ele fora se contorcendo até chegar ao topo para poder se libertar e ir atrás do seu amado.

Conforme os dias se passavam e Manó não aparecia, Har ia ficando mais e mais debilitado. Lara, sua mãe, chorava ao lado de sua cama, quando ele despertou e revelou que logo morreria para acompanhar Manó, pois não conseguiria prosseguir sem ele. Segundo ele, o seu amado prometeu que lhe buscaria naquela noite.

À noite, com a luz de um pequeno lampião a iluminá-los, Har espreitava o vazio em silêncio na companhia de sua mãe. Então, pediu a ela que o deitasse com ele na sua tumba quando chegasse a hora e que arrancasse a estaca do peito de Manó.

À meia-noite, ele voltou o rosto na direção da janela e do lilaseiro, como se escutasse algo. No último encontro de Har, em vida, com o seu amado, Manó viera apenas em espírito para buscar o que era seu. Desfalecido, seu corpo não chegou a ver Lara cumprir com o que prometera em seu leito de morte.

Ulrichs passou toda a sua vida tentando remover o estigma de perversão sexual que era atribuído à homossexualidade, em uma tentativa de estabelecer a

existência homossexual como “uma disposição natural”<sup>5</sup> e dessexualizada (HUMPHREY, 2008, p. 39, nossa tradução), motivo pelo qual se torna possível compreender por que a escolha de um jovem pré-púbere para vivenciar sua história.

Segundo Lombardi-Nash (2000), a opção por um garoto de tão tenra idade se deve ao fato de que, para Ulrichs, a homossexualidade é uma condição congênita, natural à pessoa, não uma perversão adquirida ou um desvio de caráter fomentado por uma libido descontrolada. Por isso a necessidade de se escolher um indivíduo que já sente atração por alguém do mesmo sexo antes mesmo de saber “o que sexo significava”<sup>6</sup> (LOMBARDI-NASH, 2000, nossa tradução).

E esse é o motivo pelo qual se pode dizer que o mérito de Manor, a justificar esta tradução, não está propriamente na história em si. Conforme Beringheli (2011), tanto o enredo quanto a estilística utilizados são sofríveis. Sem muitos detalhes circunstanciais, nem nenhuma descrição da *mise-en-scène* para além das montanhosas e escarpadas ilhas Faroé, são o tema e as circunstâncias metatextuais os caracteres responsáveis por dar valor ao curto conto de pescador escrito por Ulrichs.

Como visto, normalmente se descrevia a sexualidade vampírica com uma latente ambiguidade que, quando superada com menções expressas à homossexualidade, eram dotadas de elevada carga erótica. De outro modo, pode-se dizer que o romantismo vampírico podia ser homoerótico, mas nunca passaria disso, estando fadado ao sabor da libido dos envolvidos.

Como aponta Bordoní (2011, p. 19), acerca do vampiro *par excellence*, “[t]anto Drácula quanto as vampiras de seu castelo simbolizam o desejo sexual voraz e irreprimível”. No que concerne à Carmilla, figura-tipo da vampira lésbica literária, trata-se ela de uma “fonte de amor erótico entre mulheres” (ESCOBAR, 2016, p. 11), corroborando o caráter mais homoerótico do que homoafetivo do conto de Le Fanu.

Manor, malgrado seu excesso de abraços e contatos físicos variados, não se trata de um deslize sexual, mas sim de uma história de descoberta de um amor verdadeiramente puro e romântico entre dois rapazes que, de tão forte, não só consegue, ao final, enternecer o coração da mãe de Har, como se torna capaz de viver até na morte: enterrados juntos, pode-se dizer que os amantes morreram felizes para sempre.

---

5 [a natural disposition]

6 [what sex meant]

O interesse pela obra foi um dos principais motivadores para a tradução, que foi feita a partir da consulta a três edições do conto – a original em alemão e duas traduções já realizadas, uma para o inglês e outra para o espanhol.

As versões foram postas lado a lado, parágrafo a parágrafo, com a história sendo transposta do alemão para o português brasileiro à luz das traduções inglesa e espanhola, conforme imagem a seguir.

| Manor<br><i>Karl Heinrich Ulrichs</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Manor<br><i>Karl Heinrich Ulrichs</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Manor<br><i>Karl Heinrich Ulrichs</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Manor<br><i>Karl Heinrich Ulrichs</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Mitten im nördlichen Ocean liegt eine Gruppe von 35 Inseln, einsam und verlassen, gleich fern von Schottland, Island und Norwegen, die Færøer genannt, öde, felsig, wolkenumschleiert, durchtönt vom schmerzvollen Geschrei flatternder Möwen und Kieren, umrauscht von brandenden Wogen, fast stets in Nebel gehüllt. Im Sommer Bergespitzen, 1800 und 2000 Fuß über dem Meere; rauhe Felsen; düstere Schluchten; Tannenwälder; tausende von Quellen, die sich oft aus großer Höhe tosend und schäumend hinabstürzen von Block zu Block. Die Ufer tiefeingeschnitten von Buchten und Fjorden; fast überall unnahbar von hohen Felsen umsäumt. Das Meer klippenvoll ringsum; hie und da gänzlich verarmelt; beunruhigt von Wasserwirbeln; von wilden Strömungen durchvogt. [...] | Dead center of the Norwegian Sea lies a group of thirty-five solitary and desolate islands. Located equidistantly from Scotland, Iceland and Norway, the Færøe Islands are barren, rocky and covered by fog. The melancholy cry of restless seagulls resounds everywhere. As far as the eye can see, everything is intoxicated by the billowing waves that surge out from under a heavy mist. The mountains reach to heights between 1800 and 3000 feet above sea level. Rugged cliffs loom above, and gorges wane below. There are dense pine tree forests, and thousands of waterfalls pour from great heights, crashing from boulder to boulder. The river banks, deeply engraved by brooks and fjords, are made almost inaccessible by towering cliffs. The sea, constrained by rocks and reefs and completely blocked up here and there, is tossed wildly into whirlpools and rapids along its downward path. | En el centro muerto del mar noruego se encuentra un grupo de treinta y cinco solitarias y desoladas islas. Ubicadas equidistantemente de Escocia, Islandia y Noruega, las Islas Færøe son estériles, aisladas y cubiertas de niebla. Allí, el llanto melancólico de las gaviotas resuena sin descanso. Hasta donde alcanza la vista todo está rodeado por las olas inquietas que rugen bajo la pesada niebla. Las montañas alcanzan tres mil pies sobre el nivel del mar. La costa está cercada por escarpados acantilados y desfiladeros, y hay densos bosques de pinos y centenares de cascadas cayendo desde las grandes alturas, rasgando piedra y roca. La orilla del río, profundamente tallada por arroyos y fiordos, se hace casi inaccesible desde los acantilados, y su corriente se sacude desordenadamente en vertiginosos rápidos a medida que se acerca al mar. | No meio do mar da Noruega, encontra-se um grupo de trinta e cinco ilhas, solitárias e desoladas, localizadas à mesma distância da Escócia, Islândia e Noruega: as Ilhas Færøe. Desertas, pedregosas e cobertas pela névoa, o choro melancólico das gaivotas ressoa sem descanso por toda a parte. Até onde a vista alcança, está tudo rodeado pelas ondas tremulantes, quase sempre envolvidas em névoa. No verão, os picos das montanhas, entre 550 e 610 metros acima do mar, possuem escarpas ásperas e desfiladeiros sombrios, florestas de pinheiros e centenas de cachoeiras que caem de grandes alturas e espumam por sobre as rochas. As margens, profundamente esculpidas por enseadas e fiordes, são quase totalmente inacessíveis por altas falésias. O mar, aqui e ali completamente bloqueado pelos penhascos que o rodeiam, permanece inquieto graças aos redemoinhos e às correntes selvagens que o permeiam. |
| Nur 17 sind bewohnt. Strömö und Wago trennt nur ein schmaler Sönd; durchschwimmbar; freilich gehört ein kühner Schwimmer dazu. Mancher Ortsname erinnert an die Zeit, da auf den Færøen noch keine Kirchen standen und der alte Glaube noch nicht vertrieben war, z. B. Thorshavn an der Küste von Strömö, d. i. Strominsel.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Seventeen of the Færøe Islands are inhabited. Two of them, Stroemoe and Wago, are separated only by a narrow strait calm enough for a brave swimmer to cross. Many place names recall the distant past, before the Church had been established. For example, Thorshavn, on the shore of Stroemoe, was named in honor of the god of thunder in Norse mythology represented as armed with a hammer.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Diecisiete de las Islas Færøe están deshabitadas. Dos de ellas, Stroemoe y Wago, están apenas separadas por un tranquilo estrecho, lo suficientemente pacífico como para ser atacado por un nadador temerario. Muchos nombres del lugar evocan un pasado distante, antes de que la iglesia y sus creencias se establecieran definitivamente. Por ejemplo, Thorshavn, una de las costas de Stroemoe, fue nombrada en honor del dios del trueno en la mitología nórdica, al que se lo representaba armado con un martillo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Dezessete das ilhas são habitadas. Duas delas, Streymoy e Vágur, estão separadas por um estreito calmo o suficiente para um nadador corajoso atravessá-lo. Alguns nomes de locais lembram um tempo, anterior ao estabelecimento da Igreja, no qual a velha Fé ainda não fora banida; por exemplo, Tórshavn (porto de Thor, o Deus do Trovão na mitologia nórdica), na costa de Streymoy, isto é, Ilha das Correntes.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |

O autor. Captura de tela da primeira folha das traduções.

Essas versões já traduzidas, por serem mais modernas e escritas em idiomas mais familiares ao tradutor, serviram como suporte para a compreensão de termos e expressões do alemão antigo nem sempre compreensíveis de início. No entanto, quando as traduções divergiam do original, optava-se por manter a ideia originária.

Isso porque, no exercício da tradução, a busca pela fidelidade deve ser uma constante, em que pese a reconhecida dificuldade de se obter a devida transposição do significado pretendido pelo autor original porquanto, conforme apresenta Arrojo (2000, p. 17), não haja “linguagem capaz de neutralizar as ambiguidades, os duplos sentidos, as variações de interpretação, as mudanças trazidas pelo tempo ou pelo contexto.”



Para tanto, foram usados como parâmetro os três postulados firmados por Alexander Tytler – reproduzir integralmente a ideia originária; manter o estilo da texto traduzido; garantir que a estilística do texto seja mantida com a mesma naturalidade do original – muito embora, conforme assentado por Bohunovsky (2001), reconheça-se que a pretensão de estrita fidelidade ao original seja um ideal impossível, pois a ideia de que a “boa” tradução seria o simulacro do texto original em um código diferente encontra óbice na subjetividade ínsita da interpretação.<sup>7</sup>

Por exemplo: na primeira oração do segundo parágrafo do original, a locução verbal “sind bewohnt” seria traduzível para “são habitadas”, pois *bewohnt* é particípio de *bewohnen*, verbo alemão que significa habitar. A versão em espanhol, por sua vez, apresentava uma construção negativa: “están deshabitadas”. Optou-se, então, por manter o sentido original e transpor a locução verbal na forma de “são habitadas”.

Outra situação consiste no vocábulo utilizado para se referir ao lilaseiro – elemento da natureza que consubstancia a procura de Manor por Har e, no decorrer da história, passa a simbolizar a sua chegada. Ulrichs, o autor, faz uso de três termos – *Fliederbusch*, *Fliederbaum* e *Fliederstrauch* – no decorrer do texto.

As versões em inglês e em espanhol traduzem, indistintamente, os vocábulos como *lilac bush* e *arbusto de lilas*. Contudo, apenas *Fliederbusch*, dado o significado do morfema – *busch*, teria o significado de “Arbusto de Lilás”, posto que *Baum* é árvore e *Strauch* consiste em uma espécie de arbusto de porte maior, mas que ainda não detém o porte de uma árvore.

*Strauch* e *Busch* ainda se diferenciam pelo fato de, normalmente, esse ser associado a algo mais bruto, selvagem, enquanto aquele traz uma carga semântica que o aproxima de um arbusto “podado e cuidado”<sup>8</sup> (SAWAKINOME, 200-?).

*Fliederbusch*, inclusive, só é utilizado em um momento durante toda a narrativa: no primeiro capítulo, quando se estabelece a relação entre o farfalhar dos galhos do lilás e as visitas de Manor. Nesse sentido, manter “arbusto de lilás” poderia não corresponder à ideia original do autor: afinal, pode ser que justapor o *Baum*

---

7 Em situação análoga envolvendo a interpretação de leis, efetiva tradução judicial do texto legislativo, posicionamo-nos no sentido de que toda decisão seria uma interpretação e, portanto, estaria subjetivamente vinculada aos panos de fundo do intérprete. Nesse sentido, o obstáculo ontológico insuperável que decorre da impossibilidade de se deduzir o particular do universal de forma objetiva implica – no contexto desse artigo – que toda tradução consiste em um ato volitivo do tradutor. (GONÇALVES; POSSIGNOLO, 2021)

8 [beschnitten und gepflegt]



e o *Strauch* ao *Flieder* nas ocorrências que se seguiram serviria para demonstrar a passagem do tempo e/ou a evolução do relacionamento dos amantes.

Por isso, a fim de se reproduzir com o máximo de fidelidade a carga semântica do texto original, *Fliederbaum* se tornou “Lilaseiro” (o -eiro a transpor para o português a noção de árvore) e *Fliederstrauch* veio a ser “Lilás” – nem árvore nem arbusto.

Outras situações, como transpor “ihm bis durch den Rücken ging” para “que lhe saía pelas costas”, enfatizando o uso originário do vocábulo *Rücken* (costas), servem para mostrar o privilégio dado ao texto original – ao passo que, nas versões anglófona e hispanófona, “that pierced his entire body” e “sobre su pecho se abría”, respectivamente, se vislumbra uma certa liberdade de atuação quanto à construção frásica original.

Assim, crê-se ter realizado a transposição de Manor para a Língua Portuguesa sem grandes perdas do sentido original, com vistas a garantir tanto quanto possível a invisibilidade do tradutor, ainda que não se ignore a subjetividade intrínseca do traduzir (ARROJO, 2000; BOHUNOVSKY, 2001).

## Edições consultadas

ULRICHS, Karl Heinrich. *Manor*. Project Gutenberg. 2011. Página eletrônica: <bit.ly/2M8KLH5>. Acesso em: 11 fev. 2018.

ULRICHS, Karl Heinrich. *Manor*. Tradução de Los Otros Vampiros. 2011. Página eletrônica: <bit.ly/3sd571i>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ULRICHS, Karl Heinrich. *Manor*. Tradução de Michael A. Lombardi-Nash. 1999. Página eletrônica: <bit.ly/2Mb2Bcy>. Acesso em: 10 fev. 2018.

## Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary. *Oficina da tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2000.

BARROS, Fernando Monteiro de. “Parceiros da noite: gays e vampiros na literatura”. In: *SOLETRAS*, v. 1, n. 2, São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2001. Página eletrônica: <bit.ly/3bwpf7M>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

BERINGHELI, Sebastián. *Manor*: Karl Heinrich Ulrichs. Abr. 2011. Página eletrônica: <bit.ly/3sd571i>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

BOCIO, María Isabel Alegría; GARCÍA, María González; PEÑALVER, Emilia Morote. El mito de Drácula en la literatura y otras artes. 2010. Página eletrônica: <bit.ly/2ZAqKfR>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

BOHUNOVSKY, Ruth. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. In: *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 51-62, 2001. Página eletrônica: <bit.ly/3yhdiQ1>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BORDONI, Rita de Cássia. As trevas em Trevisan: por uma releitura do mito vampírico. 2011. 130p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Página eletrônica: <bit.ly/3pFmia7>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

ELLIOT-SMITH, Darren. “The homosexual vampire as a metaphor for... the homosexual vampire?: True Blood, Homonormativity and Assimilation”. In: CHERRY, Brigid. *True Blood: Investigating Vampires and Southern Gothic*. I. B. Taurus, 2012. Página eletrônica: <bit.ly/3sf81CH>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

ESCOBAR, Fabiana Leite. *A Complexidade do Relacionamento Homossexual Feminino no conto “Carmilla” de Joseph Sheridan Le Fanu*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português e Inglês) – Universidade Federal do Amazonas. 2016. Página eletrônica: <bit.ly/2ZDpBnS>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

GONÇALVES, Daniel Vieira; POSSIGNOLO, André Trapani Costa. Ordem fluida e justiça estável: ensaio de uma teoria impura do Direito. In: *Teoria Jurídica Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, 2021. Página eletrônica: <bit.ly/3yhQAaz>. Acesso em: 20 jun. 2022.

HUMPHREY, Christina Rosemeier. *Childhood sexual fluidity: first loves in Anton Reiser, Das Marmorbild and Manor*. 2008. Thesis (Degree of Master Of Arts), Department of Germanic Languages and Literatures, University of North Carolina, 2008. Página eletrônica: <bit.ly/3sirv9M>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

LOMBARDI-NASH, Michael A. *Karl Heinrich Ulrichs’ Manor: Homosexuality and Vampirism*. 2000. Página eletrônica: <bit.ly/2NqfNe8>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

SAWAKINOME. *Unterschied zwischen Busch und Strauch*. [200-?]. Página eletrônica: <bit.ly/3no6YQl>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

SIERRA, Jamil Cabral. “Sobre vampiros e outros monstros sexuais”. In: SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (Org.). *Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia*. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

SUTHERLAND, Doris V. *Vampires on the Margins: Forbidden Desires*. Nov. 2020. Página eletrônica: <bit.ly/3pKN54J>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

## Manor

*Karl Heinrich Ulrichs*

Mitten im nördlichen Ocean liegt eine Gruppe von 35 Inseln, einsam und verlassen, gleich fern von Schottland, Island und Norwegen, die Faröer genannt; öde, felsig, wolkenumschleiert, durchtönt vom schwermutsvollen Geschrei flatternder Möwen und Kieren, umrauscht von brandenden Wogen, fast stets in Nebel gehüllt. Im Sommer Bergesgipfel, 1800 und 2000 Fuß über dem Meere; rauhe Felsen; düstere Schluchten; Tannenurwälder; tausende von Quellen, die sich oft aus großer Höhe tosend und schäumend hinabstürzen von Block zu Block. Die Ufer tiefeingeschnitten von Buchten und Fjorden; fast überall unnahbar von hohen Felsen umsäumt. Das Meer klippenvoll ringsum; hie und da gänzlich verrammelt; beunruhigt von Wasserwirbeln; von wilden Strömungen durchwogt. Nur 17 sind bewohnt. Strömö und Wagö trennt nur ein schmaler Sund; durchschwimmbar; freilich gehört ein kühner Schwimmer dazu. Mancher Ortsname erinnert an die Zeit, da auf den Färöern noch keine Kirchen standen und der alte Glaube noch nicht vertrieben war, z. B. Thorshavn an der Küste von Strömö, d. i. Strominsel.

In jenen Tagen ruderte von Strömö ein Fischer mit seinem 15jährigen Sohne ins offene Meer hinaus. Es erhob sich ein Sturm; das Boot schlug um; in den Klippen von Wagö warf es den Sohn. Das sah auf Wagö ein junger Schiffer. Sprang in die Wellen, schwamm zwischen die Klippen, ergriff den treibenden Körper, zog ihn ans Land. Setzte sich mit ihm auf einen Block; hegte den Halberstarrten auf seinen Knien in den Armen. Da schlug dieser die Augen auf.

Schiffer: »Wie heißt Du?«

Knabe: »Har; ich bin von Strömö«.

Ruderte ihn über den Sund nach Strömö zurück; brachte ihn zu Lära, seiner Mutter. Dankbar umschlang beim Abschied der Knabe den Hals seines Retters. Der Vater ward als Leiche von den Wellen ans Land gespült. Der Schiffer hieß Manor. War elternlos, vier Jahre älter als Har. Hatte ihn lieb gewonnen. Sehnte sich, ihn wiederzusehen. Ruderte nun bisweilen hinüber nach Strömö, oder durchschwamm die lauwarmen Wellen, da der Sommer kam, abends wenns Tagewerk

vollbracht. Har ging ans Ufer, erklimmte eine Klippe, schwenkte sein Tuch, wenn er von weitem Manors Nachen kommen sah. Blieben dann beisammen ein oder zwei Stunden lang. Ruderten hinaus bei ruhiger See und sangen Matrosenlieder. Oder entkleideten sich, tauchten in die Wellen, schwammen zur nahen Sandbank, die gegenüber lag; und die Robben entflohen, die dort auf dem Sande sich sonnten. Oder gingen in den dunkelgrünen Wald hoher Tannen, deren rauschende Wipfel die Sprache Tors verkündeten, oder setzten sich unter die Zweige einer alten Buche auf einen Stein. Plauderten; machten Pläne. Kommt einmal ein Schiff, das auf den Walfischfang segelt, dann wollten sie beide mit. Und saßen sie so auf dem Stein, dann legte Manor seinen Arm um Hars Schultern und nannte ihn: »Min Jong«; und dem Knaben war nicht wohler, als wenn Manor ihn so umschlungen hielt. War es schon spät, wenn er kam, dann ging er leise bis an den Fliederbusch, der Hars Fenster beschattete, und klopfte an die Scheiben. Har erwachte und stahl sich zu ihm hinaus. Fühlte sich so glücklich, konnte er bei Manor sein.

## II.

Da kam ein dänischer Dreimaster, ankerte in Wagö's sicherer Bucht, suchte Matrosen für eine Fahrt von zwei Monaten zum Walfischfang. Manor ging an Bord. Den schlankgewachsenen jugendfrischen Burschen nahm der Kapitän sogleich an. Har wollte mit als Schiffsjunge. Lära aber sagte jammernd: »Bist mein einzig Kind! Deinen Vater verschlang mir die See. Du willst mich verlassen?« Har blieb. Manor ging. Das Schiff lichtete die Anker.

Zwei Monate waren verflossen. Es ward schon wieder winterlich. Har bestieg die Klippe, schaute in die Ferne, sah eines Morgens das Schiff kommen, schwenkte freudig das Tuch. Doch es war stürmisch; die Brandung ging hoch. Es steuerte auf die Bucht von Wagö zu. Konnte Wagö nicht erreichen, ward verschlagen in die gefährlichen Riffe von Strömö, strandete vor Hars Augen. Er sah, wie die Schiffbrüchigen mit den Wellen kämpften. Erblickte einen unter ihnen, der mit kräftigem Arm eine Planke ergriff, im nächsten Augenblick aber samt Planke in den Strudel der Brandung hinabgeschlürft ward. Er kannte ihn. Es war Manor.

Viel Leichen trieb die Flut ans Land. Man breitete Stroh auf den Strand, legte sie darauf, Leiche an Leiche. Har half mit, musterte die niedergelegten. Da brachte man auch Manors Leiche, legte sie auf das Stroh. Lag nun vor ihm da mit nassem Haar, aus dem Seewasser emportruff, geschlossenen Augen, kalt, mit erblaßten Lippen und bleichen Wangen, aus denen das Blut gewichen, schlank

von Gestalt, im Tode noch schön anzuschauen. »So also, Manor, muß ich dich wiedersehen!« rief er aus, warf sich schluchzend über den geliebten Körper und kostete noch einen Augenblick die Wonne der Umarmung.

Man brachte die Leichen über den Sund; begrub sie noch an demselben Tage in den Sanddünen von Wagö.

### III.

Am Abend saß Har in der Hütte düster und stumm. Lära wollte ihn trösten. Er aber wollte keinen Trost; er fluchte den Göttern. Ging zu Bett. Konnte nicht einschlafen. Gegen Mitternacht verfiel er in Halbschlummer.

Da weckte ihn ein Geräusch. Er schaute auf. Es war draußen am Fenster. Die Zweige des Fliederstrauchs knickten sich und es raschelte in seinen trocknen Blättern. Das Fenster ward geöffnet; eine Gestalt stieg herein. Ha! Er kannte die Gestalt! Trotz der Dunkelheit hatte er sie sogleich erkannt! Langsamem Schritts kam sie heran; legte sich zu ihm ins Bett; er zitterte; aber er wehrte ihr nicht. Streichelte ihm die Wangen, aber mit kalter Hand, o! so kalt, so kalt! Ihn durchschauerte Fieberfrost. Küßte den warmen schwellenden Knabenmund mit eiskalten Lippen. Er fühlte des Küssenden nasses Gewand; nasses Haar hing auf die Stirn ihm herab. Ihn durchfuhr ein Grauen. Aber es war mit Wonne gemischt. Die Gestalt seufzte. Ihm klang's, als wolle sie sagen:

»Mich trieb die Sehnsucht her zu Dir! Ich finde nicht Ruhe im Grab!«

Er wagte nicht zu sprechen. Zu atmen wagte er kaum. Und schon erhob sich die Gestalt. Seufzte als wollte sie sagen:

»Nun muß ich wieder zurück!« Erstieg die Fensterbank; entfernte sich wie sie gekommen.

»Manor ist dagewesen«, sagte Har leise vor sich hin.

In derselben Nacht war ein Fischer von Strömö draußen im Sund mit seinem Boot. Es leuchtete die See. Von seinem Ruder troffen schimmernde Funken herab. Da, kurz vor Mitternacht, hörte er seltsames Rauschen. Sah, wie etwas hindurchschloß durch die leuchtenden Wellen, etwas, dessen Gestalt er nicht unterschied, mit der Geschwindigkeit eines großen Fisches, in der Richtung auf Strömö. Ein Fisch war es nicht, so viel konnte er im Dunkel erkennen.

In nächster Nacht kam Manor wieder, eiskalt wie gestern, doch verlangender. Umschlang den Knaben mit kalten Armen; küßte ihm Wange und Mund; legte den Kopf ihm auf die weiche Brust. Har erbebte. Ihm fing das Herz zu pochen an

bei dieser innigen Umschlingung. Und gerade auf das pochende Herz legte Manor den Kopf. Die Lippen suchten den sanft schwellenden Hügel über dem Herzen, der durch das Pochen mit in Bewegung geriet. Dort begann er zu saugen, verlangend und dürstend, wie ein Säugling an Mutterbrust. Doch schon nach wenigen Augenblicken ließ er nach; erhob sich; entfernte sich. Har war zu Mut, als ob ein saugendes Tier sich an ihm vollgesogen.

Auch in dieser Nacht hatte der Fischer wieder im Sunde zu tun. Genau um dieselbe Stunde wie gestern kam wieder herangerauscht. Kam diesmal nah an ihm vorüber. Im blassen Mondlicht konnte er erkennen: es war ein schwimmender Mensch. Schwamm auf der rechten Seite liegend, wie bisweilen Matrosen schwimmen, aber bekleidet mit einem Totenhemd. Ihn schien der Schwimmer gar nicht zu bemerken, obgleich er das Gesicht ihm zugekehrt hielt.

Schwamm mit geschlossenen Augen. Der Anblick war ihm so befremdend, daß er seine ausgespannten Netze einzog und wegruderte.

Auch in den nächsten Nächten kam Manor wieder. Umarmte den Knaben bisweilen im Schlaf. Denn hin und wieder überkam ihn Schlaf, bis Manor kam. Erwachte dann in seiner Umarmung. Jedesmal suchten die Lippen die weiche Erhöhung über dem Herzen. War es Tag geworden, so sah Har dann und wann, wie aus der linken Brustwarze ihm noch ein schwaches Tröpflein Blut hervorperlte. Wischte es mit dem Hemde weg. War auch wohl schon von selbst ein Tröpflein ins Hemd gelaufen. Nur in der Vollmondnacht kam er nicht.

Ein Toter ist oft mächtig erfüllt von Sehnsucht nach einem oder dem anderen unter seinen zurückgelassenen Lieben, so mächtig, daß er Nachts das Grab verläßt und zu ihm kommt. Denn das ist alter Glaube, daß Urda manchem um Mitternacht kurzes Halbleben zurückgibt und dann seltsame Kräfte von jenseit des Grabes verleiht. Kommt besonders vor bei jungen Leuten, die in der Blüte der Jahre der bittere Tod hinwegraffte. Den Zurückkehrenden erfüllt zugleich große Blut- und Wärmebedürftigkeit. Dann lechzt er nach dem frischen Blut der Lebenden und, wie ein Liebender, nach Umarmungen. Aber er teilt auch große Sehnsucht mit und bereitet dadurch oft heftige Qual.

So auch hier. Har quälte sich den ganzen Tag und härmte sich. Mit Ungeduld aber erwartete er die Nacht und ersehnte die wonnigen Schauer der mitternächtigen Umarmung.

## IV.

So mochten zwölf Tage vergangen sein.

Lära: »Bist so bleich und so blaß. Was ist Dir, Har?«

Er: »Nichts, Mutter.«

Sie: »Bist so still.«

Er seufzte. — — —

Im letzten Häuschen des Dorfes wohnte eine weise Frau, die allerlei Geheimnisse wußte. Zu der ging die besorgte Mutter. Die weise Frau warf Runenstäbe.

Weise Frau: »Ihn besuchen die Toten.«

Lära: »Die Toten?«

Weise Frau: »Ja, des Nachts; und daran muß einer sterben, wenn dem Besuch nicht bei Zeiten Einhalt geschieht, eh es zu spät ist.«

Bestürzt kehrte Lära heim.

Sie: »Ist wahr, Har, bekommst Du Totenbesuch?«

Er blickte zu Boden. »Manor ist dagewesen,« sagte er leise und sank ihr weinend an die Brust.

Sie: »So mögen dir die Götter gnädig sein!«

Er: »Die Götter? Pah! Was sollen mir jetzt noch die Götter! Als er sich an die Planke klammerte, o weh! o weh! da war es Zeit, mir gnädig zu sein, wenn sie es wollten. Aber erbarmungslos ließen sie ihn versinken. Wie hab ich ihn so lieb gehabt!« — —

Nun bemerkte sie auch die Blutspuren in seinem Hemde. Da ging sie zu den Dorfältesten. Diese ruderten hinüber nach Wagö mit Mutter und Sohn, auch die weise Frau nahmen sie mit. Zu den Wagöern sagten sie:

»Eure Gräber schließen nicht. Einer verläßt sein Grab jede Nacht; kommt herüber zu uns; saugt sich voll am Blut dieses Knaben.«

Die Wagöer: »So wollen wir ihn festmachen.«

Griffen einen tannenen Pfahl, manneslang und mehr als armesdick, den sie mit einem Beil viereckig behieben, unten fußlang zugespitzt. Gingen zu den Dünen; einer trug den Pfahl, ein anderer eine schwere Axt. Oeffneten Manors Grab. Da lag er ruhig und still vor ihnen da im Totenhemd.

Erster Wagöer: »Seht! Er liegt noch so, wie wir ihn hingelegt.«

Weise Frau: »Weil er sich jedesmal wieder in die alte Stellung legt.«



Zweiter Wagöer: »Sein Gesicht ist ja fast frischer als sonst.«

Weise Frau: »Kein Wunder. Dafür ist Hars Gesicht jetzt desto blasser.«

Har stieg hinab und warf sich nochmals über die geliebte Leiche.

»Manor! Manor!« rief er mit angsterfüllter Stimme. »Sie wollen Dich pfählen. Manor, erwache! Schlage die Augen auf! Dich ruft dein Har!«

Aber er schlug die Augen nicht auf. Regungslos lag er unter Hars Umarmung, wie vor zwölf Tagen am Strande auf dem Stroh.

Har wollte ihn nicht loslassen. Sie rissen ihn weg. Setzten Manor die Spitze des Pfahls auf die Brust. Aechzend wandte sich Har. Fiel der Mutter um den Hals. An ihrer Schulter barg er sein Gesicht.

»Mutter!« rief er aus, »warum hast du mir das getan!«

Die flache Rückseite der Axt hörte er niederfallen auf den Pfahl und den Pfahl stöhnen. Ein schwerer Schlag; noch ein Schlag und noch ein halb Dutzend Schläge.

Erster Wagöer: »Nun ist er festgemacht!«

Zweiter: »Das Wiederkommen soll er nun wohl bleiben lassen.«

Har trugen sie halb ohnmächtig davon. »Nun wird er dich in Ruhe lassen, mein liebes Kind!« sagte Lära, da sie wieder in ihrer Hütte waren.

Betrübt ging er zu Bett. »Nun kommt er nicht mehr!« sagte er kummervoll vor sich hin. War müde und matt. Friedlos aber und ruhelos wälzte er sich auf seinem Lager. Langsam schlichen die Minuten; träg krochen die Stunden dahin. Mitternacht kam und noch kein Schlaf hatte sich über seine Wimpern gesenkt.

Horch! Was ist das? Im Fliederbaum ... – Doch nein; das war ja unmöglich. Und doch! Wieder, wie früher, raschelte es in den Zweigen des Baums. Das Fenster öffnete sich. Manor war wieder da. Seufzte tief auf. Hatte eine große Wunde in der Brust, die viereckig war und ihm bis durch den Rücken ging. Legte sich wieder zu Har, umschlang ihn und sog. Sog verlangender denn zuvor und düstender.

Nebenan aber wachte diese Nacht Lära; horchte und zitterte. Früh morgens kam sie herein und trat an Hars Bett.

Sie: »Mein armes Kind! Er ist doch wieder dagewesen.«

Er: »Ja, Mutter; er ist wieder bei mir gewesen.«

Das Bett aber war befleckt mit Leichenblut, das aus der großen Wunde hervorgeträufelt war.

## V.

Einige Stunden später ruderte wieder ein Boot über den Sund; doch ohne Har. Man ging wieder zu den Dünen; öffnete wieder das Grab. Der viereckige Pfahl steckte noch in der Gruft, doch nicht mehr in Manors Brust. Aber er lag gekrümmt neben dem Pfahl. Gestreckt zu liegen hinderte der Pfahl.

Weise Frau: »Er hat sich los machen können. Der Pfahl ist ja unten und oben gleich dick.«

Erster Wagöer: »Hat sich von unten nach oben am Pfahl in die Höhe gewunden.«

Zweiter: »Muß ihn aber unmenschliche Anstrengung gekostet haben.«

Auf Rat der weisen Frau behieben sie heute einen stärkeren Pfahl, den sie oben doppelt so dick ließen als unten, daß er aussah wie ein Nagel mit Kopf. Zogen den alten Pfahl weg und pfählten ihn mit diesem.

»So! Nun ist er angenagelt«, sagte der Axtmann, als er dem Pfahl den letzten Hieb auf den Kopf gegeben.

Zweiter Wagöer: »Mag er sich winden und drehn, von dem windet er sich nicht los.«

Lära kehrte zu Har zurück; erzählte was geschehn. »Nun ist es vorbei«, sagte er zu sich selbst, da er zu Bett ging. Schlummerlos lag er da. Mitternacht kam. Doch alles blieb still. Nichts raschelte draußen am Fenster in den Zweigen des Fliederstrauchs. Kein Schwimmer schreckte den Fischer mehr, der Nachts mit geschlossenen Augen des Sundes Woge durchschnitt.

Lära: »Nun hast du Frieden vor ihm. Er hat dich so gequält.«

Er: »O Mutter! Mutter! Er hat mich nicht gequält!«

Härmte sich ab in vergeblichem Sehnen. »Mutter!« sagte er, »nun ists aus mit mir.« Zehrte ab; konnte sich nicht mehr vom Bett erheben.

Sie: »Bist so müde und so matt, mein lieber Sohn!«

Er: »Er zieht mich zu sich hinab.«

Eines Morgens saß sie an seinem Bett, da er noch schlief. Ein Monat war verflossen seit dem Schiffbruch. Es war noch früh. Sie weinte. Da schlug er die Augen auf.

»Mutter«, sagte er mit schwacher Stimme, »ich muß sterben.«

Sie: »O nein, mein Kind! Du sollst so jung nicht sterben!«

Er: »Doch, doch! Er ist wieder bei mir gewesen. Wir haben mit einander geredet. Wir saßen auf dem Stein unter der alten Buche im Wald wie sonst; er schlang seinen Arm wieder um meinen Hals und nannte mich »Min Jong«. Heut Nacht will er wieder kommen und mich holen. Er hat es mir versprochen. Ich kann es nicht aushalten ohne ihn.«

Sie beugte sich über ihn und ihre Tränen flossen reichlich auf sein Bett. »Mein armes Kind!« sagte sie und legte ihm ihre Hand auf die Stirn.

Als es Nacht ward, zündete sie eine Lampe an und wachte bei ihm am Bette. Still lag er da; schlief nicht; schaute schweigend vor sich hin.

Er: »Mutter!«

Sie: »Was willst Du, mein guter Sohn?«

Er: »Legt mich mit in sein Grab! Ja? Und zieht ihm den schrecklichen Pfahl aus der Brust!«

Sie versprach es ihm mit Händedruck und Kuß.

Er: »O, bei ihm muß es sich so süß liegen im Grabe!« – –

Da kam Mitternacht heran. Auf einmal verklärten sich seine Züge. Hob ein wenig den Kopf, als horche er. Mit glänzenden Augen schaute er nach dem Fenster und nach den Zweigen des Fliederbaums.

»Sieh, Mutter, da kommt er!« – –

Das waren seine letzten Worte. Da brachen ihm die Augen.

Sank in die Kissen zurück und entschlief.

Und sie taten, wie er gebeten.

## Manor

*Karl Heinrich Ulrichs*

*Tradução do alemão: Daniel Vieira Gonçalves*

No meio do mar da Noruega, encontra-se um grupo de trinta e cinco ilhas, solitárias e desoladas, localizadas à mesma distância da Escócia, Islândia e Noruega: as Ilhas Faroé. Desertas, pedregosas e cobertas pela névoa, o choro melancólico das gaivotas ressoa sem descanso por toda a parte. Até onde a vista alcança, está tudo rodeado pelas ondas tremulantes, quase sempre envoltas em névoa. No verão, os picos das montanhas, entre 550 e 610 metros acima do mar, possuem escarpas ásperas e desfiladeiros sombrios, florestas de pinheiros e centenas de cachoeiras que caem de grandes alturas e espumam por sobre as rochas. As margens, profundamente esculpidas por enseadas e fiordes, são quase totalmente inacessíveis por altas falésias. O mar, aqui e ali completamente bloqueado pelos penhascos que o rodeiam, permanece inquieto graças aos redemoinhos e às correntes selvagens que o permeiam.

Dezessete das ilhas são habitadas. Duas delas, Streymoy e Vágur, estão separadas por um estreito calmo o suficiente para um nadador corajoso atravessá-lo. Alguns nomes de locais lembram um tempo, anterior ao estabelecimento da Igreja, no qual a velha Fé ainda não fora banida; por exemplo, Tórshavn (porto de Thor, o Deus do Trovão na mitologia nórdica), na costa de Streymoy, isto é, Ilha das Correntes.

Por aqueles dias, um pescador e seu filho de quinze anos remavam de Streymoy rumo ao mar aberto. Sobreveio uma tempestade e a embarcação virou-se, atirando o menino nas falésias de Vágur. Um jovem marinheiro viu, saltou nas ondas, nadou por entre os penhascos, agarrou o corpo flutuante e o puxou para a praia. Colocou-o em um pedregulho e segurou o copo meio congelado no colo em seus braços. Então, o menino abriu os olhos.

– Qual o seu nome? – perguntou o marinheiro.

– Har – respondeu o garoto – Eu sou de Streymoy.

O marinheiro levou-o de volta pelo estreito de Streymoy e entregou-o para Lara, a mãe de Har. Agradecido, o menino deu um abraço de despedida no pescoço do seu salvador. O pai do garoto veio à terra como um cadáver lavado pelas ondas.

O marinheiro se chamava Manor. Era um jovem órfão, quatro anos mais velho do que Har, ao qual logo se tornou muito ligado. Ansiava vê-lo novamente. Por vezes, remava até Streymoy ou, com a chegada do verão, atravessava a nado as ondas mornas, à noite, findo o dia de trabalho.

Har esperava-o na costa, em cima de um penhasco, e acenava um pano quando via Manor vindo ao longe. Ficavam, então, uma ou duas horas no barco, cantando canções de marinheiros por sobre o mar calmo.

Ou despiam-se, mergulhavam nas ondas e nadavam até o banco de areia que havia na frente, fazendo com que as focas que ali pegavam sol fugissem. Outras vezes, eles iam à floresta verde e escura de abetos altos, cujos topos sussurravam a língua de Thor, ou sentavam-se em alguma pedra sob os ramos de uma faia velha, conversando e fazendo planos. Quando viam um navio baleeiro, por exemplo, juravam que se uniriam a ele. E então, sentados sobre a pedra, Manor colocava o braço ao redor dos ombros de Har e o chamava de Meu Garoto. E o menino nunca sentia mais prazer do que quando Manor o abraçava forte. Quando chegava mais tarde, Manor ia à sombra de um arbusto de lilás e batia no vidro da janela de Har, para que o garoto levantasse e fugisse de casa para encontrar Manor. Em suma, Har só era feliz quando estava com Manor.

## II

Certo dia, aportou no porto de Vágar um veleiro dinamarquês de três mastros à procura de marinheiros para uma expedição baleeira de dois meses. Manor subiu a bordo do navio e o capitão imediatamente aceitou o vigoroso jovem alto e magro. Har queria ser grumete. Ao ouvir isso, Lara lamentou-se:

– Você é meu único filho! E o mar já devorou seu pai. Também quer me deixar?

Quando o navio levantou âncora, Har havia ficado e Manor, partido.

Passaram-se dois meses, e ainda era inverno. Har continuou escalando o penhasco, procurando algo ao longe, até ver um navio se aproximando pela manhã.

Alegremente, ele acenou o pano.

Contudo, a tempestade estava forte e as ondas elevavam-se. O baleeiro dirigiu-se para a baía de Vágar, mas não conseguiu alcançá-la, encurralado entre os recifes de Streymoy, encalhado diante dos olhos de Har.

Ele viu os naufragos lutarem contra as ondas. Viu também que um deles, dotado de um forte braço, agarrou uma tábua – e, em seguida, homem e tábua foram engolidos pela tempestade.

Ele o conhecia. Era Manor.

A maré levou muitos corpos sem vida para a costa. Espalharam palha por sobre a praia e deitaram os corpos lado a lado. Har ajudava com a inspeção daqueles corpos voltados para baixo. Foi quando trouxeram o corpo de Manor, e o puseram em cima da palha.

Gélido, com os cabelos molhados pingando água do mar e os olhos fechados, com seus lábios pálidos e as bochechas alvas, dos quais o sangue desaparecera, o corpo deitado diante de Har ainda mantinha um aspecto elegante, agradável de se olhar mesmo na morte.

– Eis-me aqui, Manor. Precisava me despedir! – ele exclamou, lançando-se em prantos sobre o corpo tão querido, provando ainda que por um instante o deleite do último abraço.

Os corpos foram levados pelo estreito, e enterrados nas dunas de areia de Vágar no mesmo dia.

### III

À noite, Har sentou-se na cabana calada e sombria, onde Lara tentou consolá-lo. Contudo, ele não queria conforto, e amaldiçoou os deuses até ir para a cama, sem conseguir dormir.

À meia-noite, ele enfim adormeceu, mas logo um barulho o acordou. Ele olhou para cima; vinha de fora da janela. Os ramos do lilás se dobraram e suas folhas secas começaram a farfalhar. A janela foi aberta e uma figura entrou.

Ah! Ele conhecia a sombra! Apesar da escuridão, ele a reconheceu em um piscar de olhos. Lentamente os passos se aproximaram, e se deitaram com ele na cama. Har tremia, mas não lutou contra a sombra. A sombra lhe acariciou as maçãs do rosto, mas com uma mão gelada – oh!, tão fria!, tão fria!

Calafrios fizeram o menino estremecer, sua boca quente e intumescida beijada por lábios de gelo. Ele sentia as roupas úmidas daquele que o beijava, via o

cabelo molhado que pendia sobre a testa. Ele estava apavorado, mas era um medo recheado de alegria. A sombra suspirou, como se dissesse:

– Um desejo ardente conduziu-me até ti. Não encontrei paz em minha tumba.

Har não ousava falar. Na verdade, mal ousava respirar. Então a sombra levantou-se com um suspiro, como se dissesse:

– Devo retornar agora.

E escalou o peitoril da janela, afastando-se quando Har se aproximou.

– Manor esteve aqui – ele sussurrou para si.

Naquela mesma noite, um pescador vinha de fora do estreito de Streymoy com o seu barco. O mar luzia. De seu remo, escorriam faíscas cintilantes. Então, pouco antes da meia-noite, ele ouviu ruídos estranhos e viu, investindo pelas ondas luzidias rumo a Streymoy, uma coisa cuja forma era incapaz de identificar, posto que se mexia com a velocidade de um peixe grande. Apesar disso, e mesmo no escuro, ele sabia que não se tratava de um peixe.

Manor retornou na noite seguinte, tão gelado quanto no dia anterior, e muito mais exigente. Abraçou-o com braços frios, beijou-o nas bochechas e na boca e deitou sua cabeça no peito terno do garoto. Har estremecia, seu coração pulsando com esse abraço íntimo.

E justamente sobre o coração pulsante Manor deitou a cabeça, os lábios procurando a colina que se erguia suavemente acima do coração, que se movia ao pulsar. Então ele começou a sugar, necessitado e sedento, como um bebê no seio materno. Contudo, após poucos instantes, Manor se levantou, afastou-se e o deixou. Har sentia-se como se um animal o tivesse sorvido por inteiro.

Naquela noite, o pescador estava novamente ocupado no estreito. E, no mesmo momento que na noite anterior, ele ouviu ruídos similares, dessa vez passando bem mais próximo. Sob o pálido luar, o pescador pode reconhecer: era uma pessoa que nadava, um nado voltado para o lado direito, ao modo dos marinheiros, muito embora usasse a camisa dos mortos no mar.

O nadador não parecia notá-lo, apesar de seu rosto estar voltado para o pescador – talvez porque ele nadasse com os olhos fechados....

A visão foi tão perturbadora para o pescador que ele puxou as redes e remou de volta para a costa.

Nas noites seguintes, Manor continuou vindo, abraçando o garoto por vezes até durante o sono. De quando em quando, vencia-lhe o sono, mas só até Manor chegar. Despertava, então, dentro do seu abraço.

Em todas as vezes, os lábios de Manor buscavam a elevação macia sobre o coração do garoto. Ao amanhecer, Har via, algumas vezes, gotas de sangue escorrendo fracamente do seu mamilo esquerdo, que ele limpava com camisa. Outras vezes, as gotas de sangue já estavam na camisa dele.

Apenas nas noites de lua cheia que ele não aparecia.

Mortos frequentemente são preenchedos por uma saudade poderosa de um ou outro dos seus entes queridos deixados para trás – poderosa a ponto de fazê-los abandonar suas sepulturas para visitá-los. Há uma antiga crença segundo a qual, à meia-noite, Urda é responsável por devolver a alguns deles um curto período de vida e por conceder estranhos poderes do além-túmulo.

Isso ocorre principalmente com pessoas jovens que foram arrastadas, à flor da idade, por uma morte amarga. O retorno, por sua vez, exige muito sangue – e necessita de calor. Então, eles se tornam carente por sangue fresco dos vivos e, tal qual um amante, por abraços – compartilhando um grande desejo e, frequentemente, provocando violento amargor.

Isso é o que acontece aqui. Har se atomentava e lamentava durante todo o dia. Embora impaciente, ele esperava a noite chegar para a emoção deliciosa do abraço da meia-noite.

## IV

Passaram-se doze dias.

– Você está branco como um fantasma, Har. O que está acontecendo? – perguntou Lara.

– Nada, mãe.

– Você está tão quieto.

Har suspirou.

Na última casinha da aldeia, vivia uma sábia idosa que conhecia todo tipo de segredo. Preocupada, a mãe de Har foi procurá-la. A sábia lançava varas com runas entalhadas.

– Os mortos visitam-no – disse.

– Os mortos? – perguntou Lara.

A sábia replicou:

– Sim, durante a noite. E ele irá morrer se as visitas não pararem antes que seja tarde demais.



Lara voltou para casa abismada.

– É verdade, Har, que você recebe a visita dos mortos?

Har olhou para baixo.

– Manor esteve aqui – sussurrou, afundando-se em lágrimas no peito da mãe.

– Que os deuses tenham piedade de você! – disse ela.

– Os deuses? Pfff. O que os deuses têm comigo? Enquanto ele se agarrava à prancha – oh!, como dói – é que era o tempo de se ter misericórdia, se quisessem. Mas, sem piedade alguma, eles o deixaram afundar. Oh, como eu realmente o amava.

Ao notar traços de sangue na camiseta dele, Lara se dirigiu aos anciãos da aldeia, que remaram até Vágar com a mãe e o filho, levando também a sábia idosa com eles.

Ante o povo de Vágar, a anciã disse:

– Vossas sepulturas não estão fechadas. Um dos vossos abandona sua tumba todas as noites e vem até nós para sugar todo o sangue desse garoto.

– Então, faremos com que fique preso. – disse o povo de Vágar.

Pegaram uma estaca de pinheiro, da altura de um homem e da grossura de um braço, na qual, com uma machadinha, talharam quatro superfícies retas e uma ponta de trinta centímetros, e se dirigiram para as dunas, um deles carregando a estaca e, outro, um machado pesado. Aberta a sepultura, diante deles repousava Manor, silente em sua mortalha.

Um dos cidadãos de Vágar disse:

– Vejam! Ele ainda está deitado, tal como o deixamos.

– Isso é porque ele sempre volta à sua antiga posição – replicou a idosa.

Outro dos cidadãos disse:

– Seu rosto parece quase mais corado do que quando o enterramos.

– Não me admira, já que o rosto de Har está mais pálido – respondeu a sábia mulher.

Har adentrou na sepultura e se lançou uma vez mais sobre o corpo que amava.

– Manor! Manor! – clamava, com a voz cortada. – Querem lhe perfurar com uma estaca. Manor, desperte! Abra os olhos! É o seu Har quem lhe chama!

Mas Manor não abriu os olhos. Permaneceu inerte, sob o abraço de Har, como estivera há doze dias, na palha sobre a praia.

Como Har se recusava a soltar, arrancaram-no, e puseram a ponta da estaca sobre o peito de Manor. Gemendo, Har lançou-se sobre sua mãe, escondendo o rosto no colo materno, incapaz de olhar.

– Mãe! – ele chorava – Por que fez isso comigo?

Har ouviu a plana parte de trás do machado golpeando a estaca, fazendo-a gemer. Um golpe forte, então outro e, por fim, mais meia dúzia de golpes.

– Agora ele está preso – disse um dos aldeões.

– A partir de agora, ele não mais retornará – outro respondeu.

Har teve de ser carregado, pois estava meio inconsciente.

– Ele vai lhe deixar em paz agora, meu filho amado – disse Lara, quando chegaram de volta na cabana.

Desolado, Har foi para cama.

“Nunca mais o verei”, disse tristemente para si. Estava esgotado e abatido. Sem paz e inquieto, ele rolava na cama. Os minutos se arrastavam lentamente, como se fossem horas. Era meia-noite e o sono ainda não pesava em seus olhos.

Espera! O que era aquilo no lilaseiro?... “Não, não; não é possível”, ele pensou.

Mas era. Como antes, Har ouviu um farfalhar nos galhos da árvore. A janela se abriu: Manor estava de volta, arfando profundamente. Em seu peito, apresentava uma grande ferida quadrada que lhe saía pelas costas.

Ele se deitou junto ao garoto, abraçando-o, e começou a sugá-lo, sedento, com um grande ardor.

Dessa vez, porém, Lara acordara no quarto ao lado e ouvia, assustada. De manhã cedinho, ela se aproximou da cama de Har.

– Minha pobre criança. Ele esteve de volta aqui?

– Sim, mamãe. Ele esteve aqui comigo de novo.

A cama estava lambuzada com o sangue cadavérico que escorrera da ferida profunda de Manor.

## V

Algumas horas mais tarde, outro barco cruzava o estreito de Streymoy; dessa vez, sem Har. De volta às dunas, eles reabriram a sepultura. A estaca quadrada continuava ali, mas não mais no peito de Manor, que jazia torto junto à estaca que, cravada no meio do túmulo, o impedia de se deitar reto.

– Ele conseguiu se libertar – disse a sábia – porque a estaca possui a mesma grossura da ponta ao topo.

Um dos aldões de Vágar comentou:

– Ele foi se contorcendo do solo ao topo da escada para se soltar.

– Mas isso deve ter lhe custado um esforço sobre-humano – respondeu outro.

Seguindo os conselhos da idosa, eles arranjaram uma estaca mais forte e a deixaram duas vezes mais grossa no topo, como um prego com cabeça. Puxaram a estaca velha para fora e perfuraram Manor com a nova.

– Agora sim ele está pregado – disse o homem com o machado, após dar o golpe final na cabeça da estaca.

Outro aldeão de Vágar disse:

– Agora ele pode rodopiar e girar, mas não vai mais conseguir sair.

Lara voltou para casa e contou a Har o que aconteceu.

– Está tudo acabado – ele disse a si mesmo enquanto ia para a cama.

Era meia-noite, e ele estava deitado sem dormir. Tudo estava em silêncio. Na janela, nada do farfalhar dos ramos de lilás. Mais nenhum pescador seria assustado por um nadador que cruzasse as ondas do estreito com os olhos fechados.

– Você está em paz agora – dizia Lara – Ele já lhe torturou tanto.

– Mamãe... Querida mamãe... Ele não me torturava.

Har definhava, ansiando em vão. “Mamãe”, ele dizia, “Eu estou acabado”.

Consumido, ele não conseguia mais sair da cama.

– Você está tão cansado e abatido, meu filho amado.

– Ele me chama para junto dele.

Certa manhã, sentada na cama de Har enquanto ele dormia, Lara começou a chorar. Um mês se passara desde o naufrágio. Ao ouvi-la, Har despertou.

– Mamãe – ele disse, com a voz fraca – logo morrerei.

– Oh, não, minha criança! Você é muito jovem para morrer!

– Mesmo jovem, logo morrerei. Manor esteve aqui comigo de novo. Como de costume, nós conversamos sentados na pedra debaixo da velha faia, na floresta. Com os braços ao redor do meu pescoço, ele me chamou de “Meu garoto” e disse que voltaria essa noite, de novo, mas para me buscar. Ele me prometeu isso pois, sem ele, eu não consigo.

Ela se inclinou sobre ele, as lágrimas jorrando copiosamente sobre a cama.

– Minha pobre criança – ela dizia, acariciando-lhe a testa.

Chegada a noite, ela acendeu uma candeia, sem desviar os olhos do filho na cama. Ele permaneceu deitado, sem dormir, espreitando o vazio em silêncio.

– Mamãe.

– O que deseja, meu filhinho?

– Deite-me na tumba dele, por favor, e arranque aquela odiosa estaca de seu peito.

Ela lhe prometeu que faria com um aperto de mão e um beijo.

– Oh!, quão doce deve ser se deitar com ele em sua sepultura!

Deu meia-noite. De repente, com as feições transfiguradas, ele ergueu suavemente a cabeça, como se escutasse algo. Com os olhos refulgindo, ele olhava para a janela e para os galhos do lilaseiro.

– Vê, mamãe? Ele está aqui!

Foram suas últimas palavras antes da vida sair dos seus olhos, sua cabeça tombar no travesseiro e ele adormecer.

E, assim como ele pedira, Lara fez.